

DEPOSITO LEGAL

MARIA RITA

SEMANARIO HUMORISTICO

Suplente Director de

ARNALDO LEITE
CARYALHO BARBOZA
JOSÉ DE ARTIMANNA

Director Artístico e Secretário da Redacção

OCTAVIO SÉRGIO

SCFAMM
P.R. 4.111

NO ANO 2000



Contava a minha avózinha, que Deus tenha, que ainda se lembrava muito bem do Pai dizer que tinha conhecido alguns republicanos...

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.^{da}

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Directores literários:

Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha

Director artístico e secretário da redacção:

Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas

Ano 45\$00
Semestre 24\$00

Colónias

Ano 50\$00
Registado 70\$00

Estrangeiro

Ano 60\$00
Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

JOGO DO QUINO

DISTRIBUIÇÃO DE PRÉMIOS

Abílio A. Martins — 500 escudos.

Do plano deste nosso concurso restavam mais três primeiros prémios, num valor igual, que serão distribuídos imediatamente a todos os concorrentes.

Desta forma e como nenhum tinha direito ao corte de fato e à grafonola com discos, e ainda a um pano de mesa e uma peça de cotim «Campo do Cirne», serão estes quatro prémios sorteados entre todos aqueles que alcançaram o direito aos segundos prémios, sendo distribuídos pelos concorrentes com 14 pontos os 500 escudos em dinheiro. Temos portanto 62\$50 esc. a cada um dos oito concorrentes com 14 pontos e o sorteio pela forma seguinte:

Manuel Augusto Aranha	1 a	416
J. Sequeira	417 a	833
Alvaiado	834 a	1249
Rosa Lopes	1250 a	1666
Mário Figueira	1667 a	2082
M. R. Lopes Júnior	2083 a	2499
Joaquim Santos Costa	2500 a	2916
Conde Barão	2917 a	3332
Lizé	3333 a	3748
Zecas Laines	3749 a	4165
Mário Firmino	4166 a	4581
Intrépido Sem Medo	4582 a	4998
José da Costa Soares	4999 a	5414
Mamarracho	5415 a	5831
Zé Miranda	5832 a	6247
A. Lopes	6248 a	6664
Guicha	6665 a	7080

Zé Lopes Mundo	7081 a	7497
A. Reis	7498 a	7913
António Pereira dos Santos	7914 a	8330
Maria R. Martins	8331 a	8746
Faria Nunes	8747 a	9163
Maria Alice	9164 a	9582
Marília Pinto Coelho	9583 a	10000

cabendo:

A grafonola com discos, ao núcleo que tiver o número da sorte grande de hoje.

O corte de fato, ao núcleo que tiver o segundo prémio da mesma loteria.

O pano de mesa, ao número correspondente ao da sorte grande no milhar imediatamente inferior.

A peça de cotim, idem, idem, no milhar imediatamente superior.

Dado o caso que calhem dois destes prémios ao mesmo concorrente, ou que o número da sorte grande não suporte milhar superior ou inferior, será o prémio adjudicado ao milhar com série imediata. Assim se o número sair dos 9 aos 10 mil, o segundo prémio será o primeiro milhar; Se sair de 1 a mil será o último milhar premiado.

Entre os concorrentes que alcançaram 13 pontos, num total de 16, há ainda a distribuir

a importância de 200\$00, tocando, portanto, a quantia de 12\$50 a cada um, se não houver reclamação em contrário.

Todos estes prémios, poderão começar a ser levantados desde quarta-feira em diante, na nossa administração.

Terceiros e quartos prémios

Só para a próxima semana poderemos continuar com a distribuição destes prémios, em virtude da escassez de tempo, que a interposição dum dia feriado mais dificultou. Que nos desculpem e esperem os nossos amigos.

NAS

Galerias Lafayette

— da RUA FORMOSA — PORTO —

todos os artigos
teem um cunho
parisiense inexcédível

AUX GALERIES LAFAYETTE

A Adega Ideal do Lavrador

tem actualmente espalhadas no Pôrto, Foz, Matozinhos e Valadares-Gaia, 14 ADEGAS:

R. do Bomjardim, 361-364 (Esq. da Trav. de Liceiras), Telef. 5617; R. das Fontainhas, 193-195; R. do Teatro S. João, 91 (Vulgo Cima de Vila); R. de Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Cristóvam), Telef. 5802; R. da Constituição, 1395; Av. Fernão de Magalhães, 53-55, Telef. 2484;

L. Campo Mártires da Pátria, 54-55 (Vulgo Cordoaria); L. Maternidade Júlio Denis, 1 e 2 (Vulgo Campo Pequeno); Trav. da Bainharia, 24-26 (Esq. da R. dos Mercadores), Telef. 905; R. Anselmo Braancamp, 635; L. de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7. NA FOZ — R. Senhora da Luz, 238-242, Telef. 314 — Foz. EM MATOZINHOS — R. Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Avenida Serpa Pinto, Telef. 275 — Matozinhos. EM VALADARES — R. da Estação.



Factos e prestações

Crónica anacrónica

Queixa-se Paulo Freire, no *Jornal de Notícias*, de que a Comissão Contra os Ruídos, há tanto tempo nomeada, não tem dado sinal de si. Designou-a o Ministro, instalou-a numa bela sala da respectiva repartição, pediu-lhe que trabalhasse, — e a Comissão, uma vez fechada a porta atrás do estadista, não tornou a fazer o mínimo rumor. Silêncio completo. Nem sequer uma noticiuzinha para a imprensa, a dizer que está lá e passa bem de saúde. De aí o mau humor do brilhante jornalista das *Várias Notas*.

Com a devida vénia, afigura-se-nos que Paulo Freire não tem razão. Pois que previa êle? Que a Comissão Contra os Ruídos desatasse a fazer um grande barulho nos jornais, a exemplo de tantas outras Comissões, que afinal, sem embargo de badalarem constantemente a sineta do reclamo, trabalham tanto como ela? Isso seria contra o seu papel. A primeira obrigação de uma Comissão com aquele nome é conversar-se calada. De resto, compreende-se que os seus membros emudecessem e se tenham quedado todos êles meditativos, congeminando a forma de tornarem a grande cidade da beira-Tejo muda como uma necrópole.

O que — diga-se de passagem — nos não parece fácil. Como hão-de combater-se os ruídos numa época em que até a arte muda se tornou sonora, em que o gramofone invadiu as povoações mais sertanejas e já não existe casa citadina sem uma radiola? Como acabar com os pregões que avisam as donas de casa de que vai passando na rua a mulher das castanhas ou a preta do mexilhão? E como impedir que os eléctricos tintineiem constantemente e as *klashons* dos automóveis soltem o seu estridente grasnar, se Deus nos não dotou com olhos na nuca, e é essa a única maneira de sermos advertidos de que vem em cima de nós um monstro de doze cavalos e seis cilindros?

Porque a arte de matar está muito adiantada. Na América usa-se, para isso, a cadeira eléctrica. Nós, em Portugal, fomos mais longe e adoptamos o carro eléctrico. Quanto aos atropelamentos, bastava-nos, de antes, um cavalo, ou mesmo um cilindro de estrada. Agora há cavalheiros que utilizam, para destruir o seu semelhante, para cima de uma dúzia de cavalos e oito ou mais cilindros.

Ora, êsses antipáticos ruídos com que se pretende agora acabar, representam avisos altamente

beneméritos, que, embora não sirvam às vezes para evitar um desastre, servem, pelo menos, para prevenir os transeúntes de que devem fazer testamento e andar sempre em dia com Deus. Conta-se de um frade piedoso, inventor de uma serpente-falante de bronze que de meia em meia hora o despertava, para lhe lembrar que havia de morrer. Assim conseguia o bom do monge ter a morte sempre presente, — tal como, hoje em dia, um homem que deambula pelas ruas de qualquer cidade. E quer as sirenes dos automóveis, quer as campanhas dos eléctricos, desempenham as mesmas funções. Ouve-as a gente atrás de si, e diz consigo: — «Cá vem ela, a Negra!» Dá um pulo para o lado, pondo-se rapidamente a salvo, e ouve ainda novo toque, irónico e incisivo, que quer dizer: — «Escapaste de esta, bandido, mas não as perdes; fica para outra vez».

Em todo o caso, é negável que os roncões dos automóveis e os retintins dos eléctricos evitam cinquenta por cento dos sinistros que sem êles se dariam. Pretende a Comissão Contra os Ruídos acabar com êles? Parece-nos perigoso. Não para os seus membros, que provavelmente teem *limousine* às ordens, e se correm algum risco, não é o de serem atropelados, mas somente o de atropelarem. Os nossos membros, porém, é que não estão nesse caso. Se a Comissão proibir aqueles toques, — que consinta ao menos o dos sinos, incitando à oração por alma dos cidadãos esmagados. E se propõe emudecer tôda a cidade, deixando todavia os veículos à solta, lance primeiro uma proclamação, como é da praxe em dias de bernarda grossa, convidando o público a ficar em casa.

...Que, afinal, essa almejada mudez pode ter as características de uma antecipada manifestação de pesar. Se os indivíduos violentamente transferidos de esta para melhor, por um eléctrico ou um camião, hão de gozar, depois de mortos, a homenagem de dois minutos de silêncio, — tê-la-ão gozado antes, em vida, o que é muito mais saboroso.

Isto pelo que respeita ao bulício nas ruas. Mas é oportuno perguntar: de portas a dentro também são interditos os ruídos? Nunca mais uma criada poderá partir loiça? Nunca mais a dona da casa poderá ralhar com o marido?

Nunca mais as sogras poderão dar duas bofetadas nos respectivos genros? E quando as crianças se desfizerem em pranto e gritaria, como é seu louvável costume, as mães que o som terrível escuitarem, e não conseguirem pôr-lhe termo, terão de pagar multa?

E os pianos, êsses negregados pianos que tantas neurastenias teem produzido... nos vizinhos, ver-se-ão forçados a emudecer para sempre?

O problema é muito complexo, como se vê. Oxalá a Comissão Contra os Ruídos o resolva satisfatoriamente, de forma a que dentro de pouco as duas grandes cidades do país venham a dar a impressão, no silêncio sepulcral, de um mosteiro de monges cartuxos.

Marcial JORDÃO.



Os pontos nos ii

A jovem Nini Palmela,
Menina prendada e bela
E de pureza afamada,
Leu um dia uma novela,
Onde havia uma donzela
Por um rapaz requestada.

E tal interesse invulgar
Lhe votou, que sem parar
Leu o livro, n'um relance,
Seguindo, de olhos brilhantes,
As cenas mais retumbantes
Dos dois heróis do romance.

Mas ao chegar ao final,
Mordaz, resmungando a Nini,
De faces cor do carmin:
— Esta novela está mal,
'Stá ao contrário! Há aqui
Uma introdução no fim!

Dr. KNOX.

Balancete da semana

Foi terça-feira à tarde. Pela rua,
um desfilar de carros infundável.
E na tarde dulcíssima, agradável,
transita e tumultua
a turba dos piões, inumerável.
Preguntei, curioso,
se era aquele o cortejo de romagem
ao Prado do Repouso,
p'ra prestar homenagem
aos pobres precursores
que lá dormem há bons quarenta anos,
recobertos de flores
e das preces dos bons republicanos;
ou se era o casamento
de qualquer nova-rica ou titular
que quisesse ostentar grande espavento
entre o Registo e o Altar.
Obtive esta resposta fugidia:
— «Vem tudo do Ameal,
onde houve um desafio colossal
entre um *team* do Pôrto e outro da Hungria». —
— E então?

— «Perdemos nós, por 4 a 8». —
— Jogamos mal? Saíu a coisa arisca?
— Jogamos muito bem!»
— Mas levamos biscoito...

— «A culpa foi do Siska!»
Falei depois com indivíduos vários,
para ouvir sempre os mesmos comentários
mais amargos e acerbos que trovisco:
— «O Siska! O Siska! Jogou como um *podão!*
Se o apanhasse à mão,
deixava o Siska transformado em cisco!»
Vim p'ra casa a pensar
que a glória é um precário monopólio
que de repente oscila e cambaleia.
Até quem joga tem de ter na ideia
que há a rocha Tarpeia
ao pé do Capitólio...

*

Grande disputa se encapela e ruge
entre antropologistas,
jogando, feros, esporões e cristas
por causa de uns jazigos lá p'ra Muge.
Não jazigos de prata ou pedrarias,
mas de restos humanos
que descobrem arcanos
de extintas velharias.
Os sábios querem excavar à larga
êsse terreno esquivo
que tamanhos tesoiros amontoa.
Porém, tiveram a surpresa amarga
de verem concedido êsse exclusivo
a um homem de Lisboa.
E desataram a gritar, com modos
de profunda equidade:
— Ou nós cavamos todos,
ou há de haver aqui moralidade!
Teem muita razão.
E é preciso que quando, no Alentejo,
surgir lá pelo brejo
um sábio de sachola ou enxadão,
sòzinho como um frade
e triste como um monge,
logo Muge lhe brade:
— O' filho! Cava aqui, não vás mais longe!

TURIDDU.

Pousa aqui... pousa ali...

Estas são das boas!...

A nossa MARIA RITA tem secção própria para servir aos seus amados leitores os acepipes literários colhidos nos anúncios e notícias publicados nos diversos jornais. Mas nós não fugimos à tentação de nas *Mariaritices* lhes apresentarmos três nacos de prosa que são três belezas de hortaliça

Primeira:

Um anúncio do nosso querido *Janeiro*:

X.

Mil beijos daquela que tem o coração cravejado de setas. — A.

Quem será êste X felizardo, que arma em ourives para cravejar o coração da menina?! Pobre pequena! Quando dá mil beijos no X, o que faria ela no C?! E cravejada de setas? Desgraçada S. Sebastiao!...

Segunda

Esta é da secção agrícola do *Diário de Notícias*:

Enxertia de nêspereira

J. J. S. (Benfca — Lisboa). — *Qual é o melhor cavalo para o enxerto da nêspereira comum? E que processo de enxertia devo adoptar?*

R. — O melhor cavalo, para o enxerto da nêspereira, é o marmeleiro. Melhora-se, com esta enxertia o fruto e torna-se mais temporão. Enxerte de garfo, que é o que da melhor resultado.

Ficamos de bôca aberta! Quem nos havia de dizer que o cavalo se enxertava bem na nêspereira! E nós a julgarmos que a pêra é que servia para isso! O que não compreendemos, é o motivo porque aparece o cavalo na agricultura: «o melhor cavalo para o enxerto...» «enxerte de garfo...» O garfo será para espetar o cavalo? Antigamente usavam-se esporas, agora é o que os senhores estão vendo! Não há nada pior do que a nossa ignorância agrícola! Um cavalo enxertado! Se fôsse um burro, vá com seiscentos diabos! Conhecemos, tantos enxertados em homens...

Terceira:

Outro anúncio e também do *Primeiro de Janeiro*:

Salvé, 22-1-933

«AIRAM»

Depõe-te na face mil beijos, por colheres no teu jardim primaveril mais uma flor sublime.
Teu, *Artur*, de S. Torcato.

Este também depõe mil beijos, como a outra do primeiro anúncio. Compram logo por junto, que é para ficar mais barato. Uma flor sublime! Que linda imagem! As flores de sublimado não teem perfume, mas desinfectam melhor que o ácido fénico. Pobre *Artur*, de S. Torcato, que estás a pedir S. Miguel... Bombarda!

A primeira semana extraordinária de 1933

A melhor propaganda — Os maiores remédios para «aplicar» na «cura» dos grandes males

Acabou, há dias, a semana do Mutualismo. Não sabemos se algum dos senhores percebe bem o que isso é.

Na dúvida de que todos o conheçam, não fica mal que aqui se faça uma descrição mutualista, explicando quais as vantagens dessa formidanda obra, e os seus fins altruístas.

*

* *

O mutualismo é uma coisa muito ratona, assim a modos de sociedade por cotas. Como não podia ser doutra forma, essas cotas são pagas pelos associados, e estes são inscritos por ordem numérica em número variável.

Para usufruir vantagens e gozar os direitos que lhes são adstritos, há que atender às condições essenciais: 1.ª, o número de associados deve ser o mais elevado possível; 2.ª, as cotas devem ser pagas, quando não adiantadas um ano, pelo menos nos primeiros dias de cada mês.

Essas vantagens, dadas *gratuitamente* a cada associado, são tanto mais elevadas quanto mais anos de registo tiver o sócio no livro da *descarga*. Deve entender-se que esta descarga nada tem que ver com a *consciência*.

Não está claramente definida a função do mutualismo, mas há quem julgue saber que êle dá muito em troca de pouco, e quem leva a parte de leão são os empregados, como não podia deixar de ser.

Teem-se dado casos, embora mínimos, de grande proveito para alguns, em que ao fim de muitos anos, quando os sócios julgam a vida da associação o mais desafogada possível, o encarregado de administrar e guardar as *massas*, abalar para parte incerta deixando os mutualistas com cara de lorpas.

Mas isto não é por mal, antes se justifica, sendo explicado pelo princípio humano e de grande alcance social, de há muito estabelecido: «a caridade bem entendida deve começar por nós».

Quere dizer lá para êles: enquanto a nossa barriga tiver um pouco de folga, não devemos pensar nas barrigas alheias.

*

* *

Foi a primeira semana extraordinária d'êste ano, a que acabamos de assistir, e isso faz-nos pensar que, a-pesar-da sua prova real dar um número ímpar, nós teremos de suportar muitas semanas com mais de sete dias cada uma, o que, sem dúvida, constitue uma calamidade.

Calculuem cinqüenta e duas semanas,

que são quantas tem um ano normal de trezentos-e-sessenta-e-cinco dias, transformadas e multiplicadas até o infinito pelo gôsto de qualquer pessoa que se lembre e arrogue o direito de alterar o calendário.

O que vai ser de nós, senhores,

sem motivos que nos permitam realizar também uma dessas semanas extraordinárias para regularizar a nossa situação económica!

Que os manes nos acudam, na emergência de tudo darmos sem nada recebermos.

Nós temos tudo a perder e, como tal, daqui protestamos, até que nos seja marcado um lugar à mesa do festim que promete dar que falar.

ALICK.

MARIA RITA é o jornal humorístico
: : : : de maior expansão : : : :

PERFIS DO PORTO

XXXV

AIRES TORRES



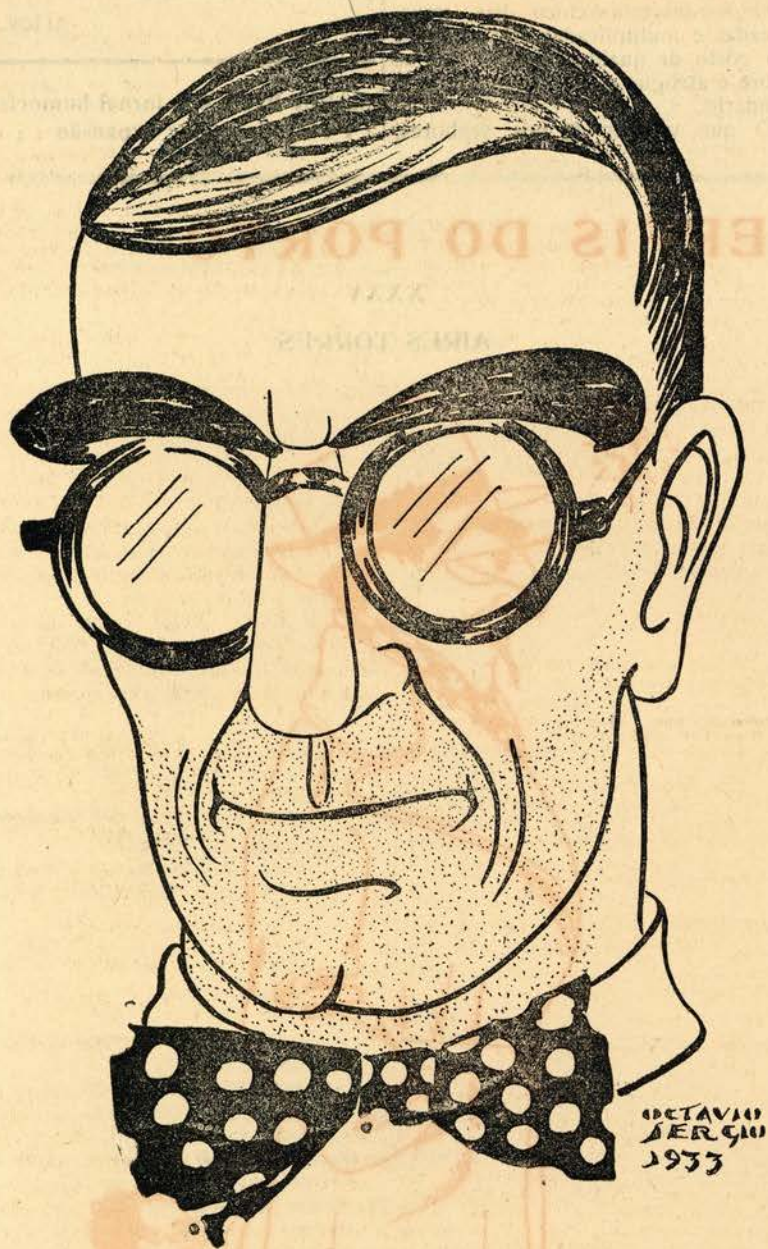
O admirável Poeta de Inquietação volta a exhibir livremente o seu respeitável nariz... O caricaturista, amigo velho, exultante, deita um foguete de satisfação!

Aguias & Cágados

—Máximos e mínimos de Portugal—

X

DR. JORGE MONJARDINO



Orgulhosamente agradecemos

A Gilberto Lima, o homem das máquinas textéis, da rua Clemente Meneses, desta cidade: **Dois magníficos calendários para 1933.**

Esplêndido aspecto e maravilhosa apresentação. Com um calendário destes em nossa casa, torna-se a gente um

homem máquina sem querer. Muito obrigado.

A Tipografia Sequeira (conceituada firma da Rua José Falcão): Duas agendazinhas para bolso, muito lindas, muito bem impressas muito portáteis, tão bem feitas como tudo o que sai daquela casa. Dá cá um abraço, ó Alberto, e dá por mim um beijo no Simões.



OS MARMELOS

Vou hoje abrir este curso. Isto de abrir um curso não é positivamente a mesma coisa que abrir uma porta. Não. Se aberturas há, por vezes trabalhosas, essas deveis encontrá-las mais tarde, quando casardes. Esta que hoje levo a efeito, é com efeito de um efeito estu-pendo.

Abramos, pois, o nosso curso.

Vou tratar de vos apresentar um excelente fruto, o marmelo, ou por outra, os marmelos.

Talvez estranhem a pluralização dada ao título desta minha primeira preleção, mas não é caso para isso; eu passo a explicar sucintamente.

O marmelo aparece na vida prática acompanhado sempre por um companheiro, daí a pluralização.

Os marmelos são quasi sempre amarelos. Dá-se este fruto no marmeleiro, árvore donde se extrai um xarope de gosto semelhante a outro congêneres: Pau nas Costas.

Há marmelos de variadas espécies: pequenos, grandes, rijos, moles; todavia, escolher é feio, e o melhor é aproveitar o que aparecer debaixo de olho ou de outro sítio qualquer.

Há quem diga que os marmelos teem pevides; porém, esta afirmação não passa duma mentirola.

Nem os marmelos teem pevides, nem as pevides teem marmelos. A questão é sabe-los comer.

Mas vamos adiante, e não nos preocupemos com acaloradas discussões.

Dos marmelos faz-se muita coisa, ó se faz... Entre os principais produtos marmeloides, podemos citar a marmelada, oriunda de Odivelas, de onde vem em pequenos quadriláteros quadradinhos.

Dos marmelos, principalmente quando são suculentos, pode fazer-se compota, que é um petisco de estalo e um belo aperitivo para outras comidelas.

Há também quem coma os marmelos assados no forno; no entanto, estimados alunos meus, desde já vos aconselho os marmelos ao natural.

E já que estou com a mão nos marmelos, sempre vou digo que ligam excelentemente com o nabo, dando um prato de agradabilíssimo gosto.

LÉRIAS.

Fôlhas de Alface

Devido ao atraso com que foi recebida não podemos publicar esta brilhante secção, do nosso querido colaborador e amigo Tomaz Ribeiro Colaço.

DESCANSO SEMANAL

Dá cá o Pé... Rola Verde

Segundo capítulo de uma autópsia fedorenta

Começamos por pedir o pé ao D. Fuas Roupinho de Cacia, aquele irritado e mimalho defensor do Damião do *Ecós*, e já nos arrependemos. Pedir um pé a este mamarracho deve colocá-lo numa hesitação medonha. São tantos!... É tão fácil a um escrevinhador daqueles, meter os pés pelas mãos!...

Mas vá lá! Quem tanto fala sem dizer nada, tem o direito de se sentir papagaio. E por falarmos nisto pômos aqui uma quadra que recebemos.

Damião, Pérola Verde
São duas línguas de prata
E tanto tempo se perde
A puxar-lhes a arreata.

Ora vamos lá a isto, como dizia o homem. Continuamos a transcrever integralmente o lavarrabos do *Ecós*, assinado pelo Pérola.

Ninguém vos convencerá de que «errar é próprio dos homens»?

Pois ensinar-vos-hemos a conjugar o verbo *errar*, no seu indicativo presente (erro, erras, erra).

Este final deve ser mais uma gralha lá da casa, porque o único verbo que eles sabem conjugar perfeitamente é o verbo urrar. Vamos, porém, supor que é assim mesmo, e vejamos aonde.

Não nos alongarêmos em transcrições, não só porque isso seria dar-vos uma honra que não merecês, mas ainda porque o «*Ecós*» não necessita de original alheio. Por isso, limitar-nos-hemos a procurar tão somente o que nos interesse, para cabal desempenho da missão a que nos propoemos.

Ora peguem lá nzs cangalhas e leiam a página 7, da vossa pútrida folha n.º 35: «Os nossos olhos continuavam abertos pela tal voz da consciencia que manda em Nós sobre todas as coisas. Sentimos que ao redor de Nós esvoaçava a sombra negra do remorso;» etc.

Com tantos Nós (passe o plagio) vejamos lá s'a cana parte...

Vejam, por favor, que formidável erro! A nossa pútrida fôlha (catixa!) trazia dois nós, em dois períodos diferentes. Isto é que é vontade de encontrar erros. Agora o que é positivamente um monumento de pilheria é o comentário perolado! Não se aflija que não parte, porque essa cana é lá da casa. Santa Maria nos valha, que Deus dá nós a quem já está preso!...

Segue o bicho (isto é gralha)

Agora, do numero 37, a pagina 8, algumas estrofes de um soneto

NATAL

Quantos e quantos esperam este dia,
Outros, nem nele podem HOUVIR falar,
Por não terem um parente p'ra passar
Essa festejada n-ite de alegria.

O' lagrimas de infinito desalento!
Quantos se vertem nessa noite, meu Deus!
As que teem chorado os olhos teus
Que faz transformar? riso em pranto

Pobre gramática! Quantas lagrimas terás chorado quando te roubaram o «ouvir» para fazerem «haver»... grossa asneira. E como será possível masculinar uma fêmea? Sim — porque lagrima é fêmea não seria preciso operação grave? E' gralha tipográfica? Paciência... teem-nos apontado tantas...

Mais duas gralhas tipográficas. E disto não passa o Pérola Verde que, por entre caneladas na gramática, se admira como se pode masculinar uma fêmea! E' fácil, meu amigo; olhe para si: o senhor também é pérola... Também nos quer parecer que você começa a meter o nariz em sítios indecentes. Não será assim?

Continua:

Agora mais umas «estrofeizitas» de outro soneto de paginas 25, do mesmo numero:

E lá busquei as d'hoje... há lá p'ra mais dum cento...
Fiz estas quatorze... ogasio meu diario
Fiz o soneto auidar... p'ra tu m'o leres jumento!!...

Esta é que é de cabo de esquadra. Os caval... heiros concertaza passam a vida a arrealar bestas e não se lembram de que, nem todos os pacientísimos (ou patientísimos, como diz Olegna) leitores merccem tão honroso «sobriquete»!!

Ora aí está o único comentário verdadeiro. E' realmente assim que nós passamos a vida; você deve tê-lo sentido já, e é por isso que fala. Quanto ao soneto está perfeito. Pode estar duro e ir ferir susceptibilidades. Mas você para que o leu?...

Em seguida passa a falar comigo:

Mudando de assunto:

O' seu zé de arte e manha! Olhe que não era precisa a publicação dessa Suposta carta de Cacia, para dar a conhecer ao Mundo assombrado, que a secção «Descanço semanal estava a seu cargo. Nós já o conheciamos ha muito, senhor Heitor...

Pode ser; mas eu julgo que não; se me conhecesse, tinha-se deixado ficar na gaveta.

Aí teem V. Ex.^{as} a razão de eu afirmar no número passado que esta jóia não era de Cacia. Mas seja donde fôr; eu é que teria era muito gosto em saber quem é o destemido D. Fuas que se encastou na padaria do Damião. Se fôr para ganhar o pão nosso de cada dia com o suor do *Ecós*, nada teremos a

dizer, porque cada um ganha a vida conforme pode.

E querem ver como êle defende a papinha?!...

Agora, aquele celeberrimo caso, que frequentemente ventilam; a questão do «i» que esta terra tem a mais...

Quêrem um conselho? Quando se proceder a nova r. forma ortografica, lembrem esse assunto e talvez sejam atendidos, visto que, ficando com o «i» a menos, Cacia prodigalizar-vos-ha um bellissimo «menu».

A verdade é esta: quem dá o que tem não é mais obrigado; mas os de casa são os preferidos.

Em seguida o escrevinhador tem um período impossível de ser transcrito pela MARIA RITA. E' indecente. Esse período demonstra apenas que o D. Fuas andava com isso atravessado na garganta há muito tempo.

E para que ninguém diga que falta alguma coisa ao artigo, vamos dar o final, que é uma misturada de grelos com uma frase latina para armar.

Ora veem — nobres e ilustres críticos — como os vossos líncos olhos não vos desviaram dos obstaculos que se encontram no caminho jornalístico?

Veem como estas coisas não sucedem só a nós humildes plebeus incultos — mas também aos mestres?

Vamos lá pois terminar a conjugação do verbo, que já citamos: Digam conosco: Erramos, errais, erram.

Gritem mais alto senhores!
ERRAMOS, ERRAIS ERRAM!!
Muito bem. Então por fim «finis laus Deo».

FINIS LAUS DEO, digo eu.

Pérola Verde.

E em quatro gralhas se resume o ataque a 40 números da MARIA RITA. Abençoadas sejam! Desta forma tivemos ocasião de conhecer mais um padeiro, e fizemo-lo comer do pão que o diabo amassou. A não ser que o homem, — se é que o é —, fôr como o pão de agora: de borracha. Nesse caso teremos de lhe fazer um furo para o esvasiar.

Adeus, ó Pérola...

J. d'A.



Meu caro Baltazar:

Desculpa a intimidade do tratamento...

Justifica-se.

Tu tens 12 anos e eu tenho 3 vezes 12... Além disso és caricaturista e foste *groom* no Café Chiado.

Não há nada tão parecido com um caricaturista como um *groom* de 12 anos, com a língua de fora.

E's, pois, meu camarada por muitos títulos nobilíssimos.

Vi o *Notícias Ilustrado* com o teu retrato, a notícia e os tais bonecos...

Palavra de honra: sensibilizou-me. É tão difícil encontrar uma nota de humanidade, um traço de beleza moral, que eu cheguei a pensar que tudo aquilo fôsse uma novelasita dos nossos camaradas lá da gazeta.

Se a vida fôsse tãda assim, tão perfeitamente bela como elevada, nós os caricaturistas não existiríamos, porque teríamos que ceder o passo aos retratistas de grande estilo.

Escrevo-te hoje porque não posso ir a Lisboa. Uma ida a Lisboa é uma coisa profundamente séria e eu sou humorista: levo tudo de brincadeira.

Antes fôssem humoristas os homens da Companhia Portuguesa... Levando tudo de brincadeira não teriam coragem de me levar dinheiro pelo bilhete do comboio.

Enfim, escrevo-te, porque, levando tudo de brincadeira ninguém me leva a Lisboa senão a sério.

E' uma tragédia isto de bilhetes de comboio para um humorista como eu.

Quero comunicar-te a minha grande alegria pela revelação do teu belo talento de caricaturista, e já agora dizer-te algumas coisas sobre a nossa profissão, a *profissão má*, na expressão lapidar de João Chagas,—um grande panfletário que morreu na caricatura de nosso Ministro em Paris.

Ser caricaturista—hás de senti-lo conscientemente um dia, meu caro Bal-

Carta aberta ao pequeno Baltazar

Caricaturista de 12 anos

tazar—não quere dizer que se não tenha uma alma cheia de aspirações altíssimas.

O sôpro que dá vida ao boneco monstruoso, modela subjectivamente um anjo.

E' a lei dos contrastes!

Sempre que desenho um cavernícola adiposo, um dêsse padrecas que, no súbime dizer de Junqueiro, leva sobre a cabeça a *marca industrial do fabricante*—um zero, eu concebo por contraste a maravilha apolínea de um Deus infinitamente perfeito.

Quem acreditará naquele imprevisito propagandista de um "vigor do cabelo" que ostente à luz do sol, em vez de cabeça uma bola de bilhar?

Para os outros é uma comédia.

Em nós tudo se passa dramaticamente.

Somos poetas, tocados de lírica intenção, que em vez de cantar, rimos.

E' um caso de pudor.

"Todo o Artista precisa de um público; mesmo de idiotas"—isto disse Nietzsche, um senhor alemão que foi um grande filósofo.

Pois nós somos inimigos encarniçados de êsse público, que, no fim de contas, nunca nos estima sinceramente, nem mesmo que não seja idiota, a não ser que nós o sejamos...

Felizmente que, fora da caricatura pessoal, ninguém se dá por achado...

Aquilo nunca é com êles; é sempre com os outros... E às vezes tem muita graça até.

E' o que vale.

Se não, os caricaturistas seriam degredados para a Africa de oito em oito

Vieste ao mundo em má época.

Hoje não se pode ser caricaturista.

Nem grande nem pequeno.

caricaturas vivas e uma pessoa tem que cair na chateza do retrato vulgaríssimo...

A cópia servil não é para nós.

Nós não copiamos; *fungimos*.

Tens visto trabalhar os fingidores de madeira ou mármore?

Pois é exactamente assim que nós fazemos as caricaturas...

Um amigo meu, que usa de pintor de portas, mostrou-me, outro, dia um trabalhinho, que, no seu pitoresco dizer, *era imitante* a carvalho do norte...

Ora nós podemos desenhar a caricatura de um Carvalho qualquer, do norte ou do sul, que nunca fazemos mais do que um Carvalho *imitante* ao dito Carvalho.

Experimenta.

Entretém-te por aí com os Carvalhos do Sul, enquanto eu por cá desenho os Carvalhos do Norte.

E olha que há pano para mangas.

São tantos os Carvalhos neste país que eu proponho que se lhe mude o nome.

Em vez de Portugal, Carvalheiras.

Com duas freguesias; uma, aqui, no Pôrto, e outra, aí, em Lisboa—Carvalheiras de cima e Carvalheiras de baixo.

Depois é ofício leve, o de caricaturista.



dias, o que me parece disparate por causa do tempo que se gasta nas viagens...

Fôsse a Africa mais perto e tu verias...

Só há licença para se ser caricatura. A' primeira vista parece que tem muita piada.

Mas não. E' uma tragédia.

Depois, saem da barriga da mãe já

Basta que enxertemos castanha nos Carvalhos.

Tu verás como é simples.

Tens talento.

Já que és Baltazar, segue a tua rútila estrêla.

Olha que o outro Baltazar, o que era Rei Mago no tempo em que havia monarquias de mágicos, também seguiu a sua e por fim lá foi dar com o Menino Jesus nas palhinhas.

Estuda, desenha, observa.

Aceita os conselhos dos bons e repele as louvaminhas dos que caricaturares benevolmente.

Hão de alguns colegas já experimentados dissuadir-te, dizendo que isto de caricaturista não dá para o petróleo...

E' mentira, Baltazar; não há nenhum caricaturista que não tenha luz eléctrica em casa.

Não pagam a energia consumida?

Que diabo tens tu com isso?

Isso já não é caricatura: é drama.

De resto, hão de ensinar-te na escola que um homem não deve jamais fugir ao dever. Ora se não se deve fugir ao dever, como raio é que se há de pagar. Quem paga foge o dever.

Não faças caso, Baltazar.

Sempre que tiveres dinheiro, foge ao dever.

Os homens honrados fogem sempre ao dever. Parece um disparate, mas é assim mesmo.

A vida—tu verás, Baltazar,—é tãda feita de paradoxos.

Muito mais tinha a dizer-te, mas tenho que terminar para atender o cobrador da luz eléctrica.

Teu do coração

Octávio SÉRGIO,

Caricaturista de Carvalheiras de Cima.



NO PRÓXIMO NÚMERO:

Formidável entrevista sobre

A influência do macaco nos organismos bancários portuenses

ENTREVISTAS, AFIRMAÇÕES E CONFIRMAÇÕES

CASA DAS GABARDINES

Rua Santa Catarina, 134 e 138

PORTO

Artigos impermeáveis para homem, senhora e criança.

A única, a verdadeira, a que mais barato vende. Não confundam.

CASA DAS CASIMIRAS

Avenida dos Aliados, 1 a 5—PORTO

(Edifício da Nacional)

Filial da CASA DAS GABARDINES

Confecção esmerada. Fatos, gabardines e sobretudos.

A MELHOR QUE EU SEI

Anedotas, Epigramas & Calemburgos

No número 40 da MARIA RITA, foi premiada a anedota n.º 133

N.º 141

Vivendo juntos dois surdos, e notando um que o outro se prepara para sair pergunta-lhe o outro:
— Vais sair?
— Não — responde-lhe o outro — vou sair.
— Ah! — faz o primeiro muito convencido — pensei que ias sair.

Remetente: Cingo.

N.º 142

Numa farmácia da aldeia, em França, um homem entrega ao farmacêutico uma receita com os seguintes dizeres: 3 litros de tintura amoniacal de quinina, 4 termómetros, 2 dúzias de folhas de temperatura, 25 cataplasmas sinapismadas e...
— Mas diga-me lá? Para quem é tudo isto?
— pergunta o farmacêutico admirado.
— É para a colónia de nudismo que habita no bosque aqui do lado.

Remetente: Lizé.

N.º 143

Um dia, o pacato Jeremias interpelou o compadre Zacarias, filósofo notável e notável *pinsador* do Pôrto, acerca duma apoquentação:
— Tu, que sabes tudo, poderás dizer-me como poderei eu evitar que os meus amigos me não bebam a cerveja das minhas delícias? Sei que de noite entram em minha casa furtivamente e se agarram ao pipó que é um louvor a Deus.
— Compadre Jeremias, obtemperou o filósofo; põe um pipó de bom vinho fino ao lado do da cerveja. A curiosidade obrigá-los-á a experimentar o conteúdo. Ora uma vez provado o vinho fino, garantu-te que não mais beberão a tua cerveja.

Remetente: O nosso irmão Viana.

N.º 144

Havia um baile na casa de um opulento capitalista, que tinha uma filha muito bonita.
Um oficial chegou junto da filha, e disse:
— Espero ter a honra de o primeiro tango seja para mim, ao que ela acedeu.
Principia a orquestra a tocar um tango. Então o oficial dirigiu-se-lhe quando ela ia a principiar a dançar com outro cavalheiro.
— Perdão, disse o oficial, esqueceu-se da promessa.
Então ela muito ruborizada disse:
— Peço desculpa, tinha-me esquecido, prometi aos dois, pois estou como diz o rifão, entre a espada e a parede.
Então o oficial fez menção de se retirar e disse:
— Tranqüilize-se, senhora: a espada retira-se e ficará com a parede.

Remetente: A. B. C.

N.º 145

Num carro eléctrico, entram duas senhoras que se conservam de pé por não haver lugares.
— Parece impossível — diz uma delas — antigamente quando uma senhora entrava num carro e não havia lugares vagos, logo os cavalheiros se levantavam a oferecer-lhe os seus. Hoje, não há educação.

Um cavalheiro levanta-se, volta-se para ela, tira o chapéu; ela aproxima-se, e nessa altura o cavalheiro, respondeu-lhe:
— Educação há, minha senhora; o que não há são lugares. E sentou-se novamente.

Remetente: Fé-Chado.

N.º 146

A mulher para o marido doente:
— Vá: toma esta colher de remédio. O médico disse que deves tomar uma, de duas em duas horas. Pronto. E agora tem paciência que eu vou ali em frente falar cinco minutos com a vizinha.
O doente erguendo a cabeça a custo:
— Cinco minutos? E quem é que me há de dar a colher do remédio daqui a duas horas?

Remetente: Lindo Zé.

N.º 147

Saindo dois noivos da igreja, em seguida ao casamento, disse a noiva ao noivo:
— Agora espero que terá muito juízo.
— Fique certa disso, respondeu o noivo. Esta é a minha última asneira.

Remetente: Monteiro II.

N.º 148

— Bons dias, ó ti Manel! *Antão* saiu-lhe alguma coisa *onté* lá na barraca das riñas?
— É verdade, ti Tonho; custou, mas saiu.
— *Antão*, parabéns! E o que foi?
— Ora o que havia de ser! Deram-me lá tamanho apertão que as almorróidas me saíram tôdas pra fora.

Remetente: Elmano Siamor.

N.º 149

Entre amigos:
— Como? Não ouviste a trovoadá de ontem à noite?
— Não! Estava falando com a minha sogra...

Remetente: O Rei Vagabundo.

N.º 150

— Tome uma chávena de café, D. Elvira.
— Não, muito obrigada.
— Tome, que está muito bom, muito fortinho...
— Não quero, porque já é tarde e, quando tomo café, não posso dormir.
— Tem graça! É exactamente o contrário do que sucede comigo: quando durmo é que não posso tomar café!...

Remetente: Busina.

N.º 151

Um cirurgião dos antigos, passou o seguinte atestado, que foi junto a um auto de corpo de delito:
Eu Anacleto Barazio, facultativo da minha profissão aprovado por S. M. a Rainha, etc.
Atesto, e juro, se a tanto me apertarem, que

Miguel Barata caiu do balcão abaixo, quem o empurrar não sei, o caso é que éle lá se encontrava mergulhado naquele letargo de saúde, com o crânio bem fendido, e o osso pital escavacado pela parte detrás, o que juro por meu grau.

Remetente: Zé Barão.

N.º 152

Encontravam-se à mesa de um café: um padre, um pintor, e um militar, e travou-se acesa discussão sobre qual seria o primeiro homem do mundo.
Brindo a Santo Inácio de Loyola — disse o padre, enchendo um cálice de licôr — pois foi sem contestação, o primeiro homem do mundo. Discordo; grita o pintor, o primeiro, foi Miguel Angelo. Isso é que não, barafusta o militar. — O primeiro homem do mundo foi Napoleão!
Peço desculpa, diz o criado, que estava ouvindo a conversa — se não me engano, parece-me que o primeiro homem do mundo... foi Adão.

Remetente: Zé Barão.

N.º 153

Entre amigos; levando um dêles, um maço de jornais:
— Porque compras tantos jornais?
— Para aprender a mentir.

Remetente: Alentejano.

N.º 154

Aqui tens uma que é autêntica, MARIA RITA, daquelas que se garantem por um bom par de anos.
Em África. Há alguns meses. A assembleia da Câmara de... convocada, espera unicamente que a Presidência se digne comparecer; mas graves afazeres devem reter o senhor presidente, incarnado na pessoa de um ilustre comerciante, porque S. E.ª... nada.
Enfim, há um rumor de passos, voltam-se cabeças na expectativa, — e o senhor presidente entra esbaforido na sala. Nos seus olhos pequenos brilha um clarão de alegria, logo explicada:
— «Desculpem, meus Senhores, desculpem...»
— e, ante o pasmo do auditório, S. Ex.ª desabafou:
— «Ah! mas estava no Jornal e trago uma notícia: — foi implantada a República em Espanha! Hein?... Só falta agora a Itália!...»
Mas uma voz discordou.
— E então a Inglaterra, a Bélgica, etc?...
— «Ah! — retorquiu S. Ex.ª — mas eu só me referia aos países ibéricos!»

Remetente: Migue-Linho.

N.º 155

EPIGRAMA

A' sua mulher um dia
Disse o Alfredo a ralhar:
Quisera que os burros todos
Fôsem lançados ao mar.
— Todos! a mulher responde
Sabes tu, meu bem, nadar?

Remetente: O Artilheiro de 1836.

Restaurante Portuense

(ANTIGO PINTO)

DE MESSIAS DE ALMEIDA

Rua de Entreparedes, 11 — PORTO

Almoços com vinho 9\$00

Jantares com vinho 10\$00

Diárias com quarto desde 18\$00

“MARIA RITA” NOS “CABARETS” DE PARIS

Do “Chez Elle” ao “Lapin Agile”. Do Amor pão-pão queijo-queijo à sua estilização. A razão da partida da “Maria Rita”

(CONTINUAÇÃO)

Aquilo há trinta anos era de se lhe chamar um figo. Entrei no Coelho aguil. E mal me sentei apareceu o dono da *boite* e disse-me: — “*Voi-ci le cerisier qui vous tend ses branches*” — e estendeu-me um copinho com cerejas e aguardente.

Sentei-me e depois de um silêncio feito, à meia luz rubra, e debaixo de um fumo espesso capaz de alarmar o muito nosso Vítor Hugo se lá estivesse, (lá também tiveram um mas não era bombeiro...) o Sr. Coelho aguil apresentou o conferencista Jaques Martel que recitou para começar o *Mal d'Amour*.

Meninos, começou êle num francês, tão cerrado que eu não percebi pata-vina! Já tinha comido as ginjas tôdas quando êle acabou.

Pelo visto o Martel contou que na terra dêle havia uma certa Celina dos seus quarenta anos, que tinha dois amores para as horas vagas. *C'était le petit Victor et le grand Claude*. E ao que parece eram padeiros, pois que coziam o seu pãozinho no mesmo forno como o Damião.

Eis senão quando, a nossa Celina uma noite dormia sob o pêso dos anos e da fadiga das lides jornaleras e o nosso Vítor, ao que êle disse, amador do nudismo, fazia-lhe companhia na rudimentar vestimenta que a mãe lhe dera ao nascer, e neste transe bateram forte à porta.

Vítor acorda e diz para consigo:

— Será farça?

Mas reparando que a Dona dormia a sono solto, pergunta de mansinho:

— Quem está aí?

Uma voz grossa responde:

— Pois sou eu, e sempre gostava de saber para que é tanta demora...

E diz-lhe o bom do Vítor em voz aflautada que lhe doia um dente...

— Pois é o Claude, — responde êste — e se é assim, abre que eu quero apenas dar-te as boas-noites!

A's escuras, Vítor abre a porta e propositadamente torna-se a deitar, mas de tal maneira que logo a seguir ao ósculo de boas-noites, Claude exclama:

— Pois estás pior do que pensava; tens a cara inchada e um álito insuportável!

A Triste Sina

Depois veio uma moçoila do género “meio quilo”, tôda tirada das canelas; lindo cabelo preto, olhos da mesma mobília e alvo colo deixando sobrair um bizzarro colar de guisos.

Desenvolta disse ao piano como foi que a levaram ao engano. Tadinha!

Eu chorei, chorou o dito piano na

altura em que ela deveria ter chorado. Mas foi corajosa, e orgulhosamente declarou ostentar ao pescoço os trofeus da batalha que arrancara ao inimigo!

Ah! Padeira de Aljubarrota!... Essa fêz ver a sete e foi nos tempos idos, porque as de agora batem-se com um cento e quasi sempre ficam por cima!

A noite ia alta; resolvi descansar. Ou eu não fôsse do Pôrto. No dia seguinte de manhã não perdi tempo, fui aos museus.

Os artistas a ôlho nu

Na pintura, camaradas, o Velasquez — o velho Velasquez — parece que já sofria da nossa crise, porque não tinha tintas para pintar as Goias vestidas, e aquilo é cada presunto que está mesmo a pedir ovos.

Há quem diga que é a escola dos meninos do liceu.

A' noite fui ver a *Auberge du cheval blanc* no Teatro Mogador. Lá vi a Cremilda dêles, Dona da Hospedaria, que não queria casar nem à quinta facada; mas o Imperador lá a aconselhou, e ela fêz as pazes com ó Soares Correia de lá, que por sinal em vez de carteiro era *maitre* de hotel.

Tudo apareceu vestido à moda do Tyrol.

Uma autêntica Tirolesa, enebriu-nos ouvidos com o típico cantar de altos e baixos, fazendo envergonhar a nossa Bazaruca sem dizer: — Quem é? Quem é?

“Chez Elle”

Isto do *Chez Elle* é a casa dela, da Lucienne Boyor (pronuncia-se Buaié e rima com burrié e é verdade...). Pois é a casa dela tôda...

Lucienne é uma famosa vedeta que está no galarim, sem o nosso bom amigo Amarante.

Eu não gosto de fazer ciúmes à Beatriz, mas se êle pilhasse a Lucienne, Ah! mãos criminosas!

Se bem que, aqui para nós, a Beatriz na *Madame* do Mexilhão, dá uns ares muito quentes da Lucienne. Aquela cabeça, aqueles olhos, aquela inocência tôda... tudo a mexilhar...

Pois ali na famosa *boite*, desce-se pela escada abaixo e para uma criatura gorda e anaçada como êste vosso servidor, é preciso tomar ar e encolher a barriga para passar por entre as mesas e cadeiras de que a sala está coalhada. Por fim lá tomamos assento.

Mal se tem tempo de deitar o ar fora, e já está o criado à espera da ordem para o Champagne a duzentos e cin-

qüenta francos mas dos atestados... Ora aqui meus caros filhos, é que se não fôra pela amizade que vos tenho eu teria tomado o ar outra vez... Fiquei. Aquilo encheu-se a trasbordar. Boa música de pretos tocada por brancos. Fui-lhe bebendo, para criar ambiente interno. Bebi cinqüenta francos e pousei com sossêgo e elegância a minha taça. Gostei. Uma morcega cantou a *Rumba*. Esta cantiga, mete dança inherente, tôda feita com os quartos traseiros. Não admira porque é oriunda de Cuba.

Tornei a beber mais cinqüenta francos da taça, que estava cheia sem eu a ter enchido... aquilo é que êles são cuidadosos...

Logo a seguir dois môinas risonhos, género papo-sêco, sentam-se e cantam uma história.

Era do Chevalier que farto de cair na Vale... ta tinha resolvido tomar o bom caminho dos Boulevards, mas da América, conforme lhe ensinara a *Mistinguette* e definitivamente deixara a outra *Miss* sem cheta... No meio de geral risota passa por mim um tipo todo triques, todo substancioso, que a sorrir diz alto qualquer coisa que em português deveria querer dizer — Oh Tio você tem pópó... — e passa-me a mão pelos pêlos do queixo. Oh rapazes! a minha vontade era deitar a mão à bengala e... mas estava tudo a rir para mim e... eu ri com êles.

Em Roma usa como os romanos. E o dianho do homem, lá se foi mettendo com todos até chegar à orquestra. Disse que agradecia a todos a boa companhia que lhe faziam, já tinha passado pela caixa e via quam valiosa era a nossa amizade... *Aí vem Ele*. Antes de vir para ali, tinha deixado o meu automóvel numa *garage* próxima.

Cheguei. O meu carro ficara ao pé de um Rolls Royce, carro dos ingleses ricos, que depois da descida da libra não mais saíra e ao pé dêste estava um belo Farman que, porco como estava, devia ter chegado pouco antes de mim. Parei, olhei e ouvi a conversa entre os dois. Dizia o Rolls:

— Que diabo estás tu a coçar-te debaixo do guarda-lama esquerdo?

O Farman cheio de pose responde: — Ora, passei há pouco por uma camada de Austins 7 e desconfio que apanhei dois ou três...

Lembrei-me disto, pus-me a rir e bebi mais cinqüenta francos.

Anuncia-se *Ela!*

Risonha, olhos à Beatriz Costa, mas com servo-freio, imponente e tôda pomada no cabelo, palmas, muitas palmas e... até ao próximo número.

Zé PHYRINHO.

PEÇAS E



TERCEIRA LANDRUZADA

Peça em duas viagens e um só condutor verdadeiro: O Landru

PERSONAGENS (Os que forem necessários para demonstrar a «delicadeza» do distinto condutor de povos.

PRIMEIRA VIAGEM

A cena passa-se num carro da linha 1

A porta da Alfândega o carro pára. Entra uma senhora grávida, que, delicadamente, pede licença para passar na porta.

UMA SENHORA GRÁVIDA — O senhor condutor dá-me licença?

LANDRU — Pois não! É uma coisa que num custa nada.

UMA SENHORA GRÁVIDA (entrando) — Muito obrigado!

LANDRU (falando para os seus botões em voz alta) — Esta, se vem da Alfândega, trás contrabando escondido. Qual quer dia tem de se agarrar à Senhora do Bom Despacho.

O carro segue, e na paragem seguinte entra uma senhora nova.

LANDRU (tocando à campainha) — A beira-rio hoje, pica. Arêde tem arrastado cada peixeio!...

A SENHORA NOVA — O senhor condutor faz-me o favor: quando o carro chegar à Loja do Touro, na rua do Mousinho manda parar, sim?

LANDRU — Pois então! Já tomei nota na agenda dos piolres... (Para os passageiros da pluta forma). Inda se há de ber os condutores da Carris com uma ajudanta para assentar os pedidos dos passageiros.

O carro continua a andar. Ao passar em frente da estátua do Infante, ouve-se o Landru dizer: Olha aquele que ali está já usa casquinhos como os das senhoras de agora!... Aquilo quasi num tapa a consciência!...

Neste entretimentos está o carro quasi ao cimo da Rua Mousinho da Silveira.

LANDRU (tocando a campainha e berrando para dentro). A senhora que quiere ir ó touro! Que saia!...

A seguir a isto há uma cena de pancadaria de tal ordem que se não descreve.

SEGUNDA VIAGEM

A cena passa-se num carro da linha 9 (Areosa)

7 horas da tarde. O carro quando parte da Praça já vai a deitar por fora.

LANDRU (esbracejando e pontapé-sando) — Pois então! Eu também tenho direito de ir. Se calhar, com uma enchente destas bai por aí a Beatriz Costa.

UM PASSAGEIRO (ferido no mais íntimo dum calo) — Arte, seu bruto!

LANDRU — Olha: êste queixa-se. Se calhar não é ête, é o Amarante. Se em lugar de ser eu que o calcasse, fôsse uma senhora bonita, inda le pedia desculpa por cima.

Nesta altura já o carro vai em alturas de Gonçalo Cristóvão.

LANDRU (quando o carro pára à esquina) — Se alguém lhe interessa ir ao Gonçalo que se mexa.

Estamos no Marquês de Pombal. O carro continua à cunha. Já o carro está parado há um minuto e o Landru, nervoso e impecável consegue deitar a cabeça por uma janela a ver o que se passa.

LANDRU — Antão a senhora porque não sobe pro estrêbo? Tem medo que le bellam as pernas?

A SENHORA (fora) — O senhor condutor, eu não posso. Vai o carro tão cheio...

LANDRU (sempre com a cabeça de fora da janela) — Deixe-se disso. Faça um esforço: agarre-se a êsse barão de cabeça amarela que aí vai. E' só por um bocadinho! Isto que aqui bae no carro fica tudo no Conde Ferreira.

Não dizem as crônicas o que se passou depois. O que se sabe é que o Landru tem uma cabeça de ferro.

J. d'A.

CARTAZ DE HOJE

Sã da Bandeira: A revista em 2 actos e 15 quadros Pirlitau.
Carlos Alberto: A revista em 2 actos e 15 quadros O Dia das Romarias.
Olimpia: A comedia policial A touca aventureira.
Rivolt: Os filmes Uma rapariga e um milhão e Vingança da Tom.
Trindade: A fita O homem que matei.
Batalha: A fita O estudante mendigo.

Para Pintar paredes Use

MURALINE

RUA DO ALMADA, 30-I.º — Tel. 2571

uma tinta que se

prepara em minutos
seca em 10 horas
dura 10 anos

Quem é?

Tu és de enorme valia;
O teu nome é precioso.
Não há mesmo em Cacia,
Um tipo mais curioso.

Contudo, tu, na verdade,
— Isto está-se mesmo a ver —
Na gramática: nulidade
Estás mesmo *Verde* a valer

Aqui tendes, caros leitores,
E' fácil a solução:
E' um daqueles escritores
Do jornal (?) do Damião.

LÉRIAS.

Decifração do número anterior — *Quem é?*
Canha da Raza.

Matadores: Julifer, Reirobi, Zé Barão, Octávia
Maria, Oinotna, Pirilau, Delfim de Freitas, Costa
Apita, Antoninho das Mercês, Gustavo Pimpinela,
Teodoro, Rabanete, Cardial.

Cartas a tinta preta

(IMPRESSÕES DE ÁFRICA)

Tia MARIA RITA

Eis arribado,

Entre promessas mil e muitas festas
(Daquelas desconfio e temo destas),
O sucessor do Trinta-e-Dois passado.

Chama-se Trinta-e-Três, pela folhinha,
E, como 33 é capicua,
Veremos se traz sorte menos crua...
...Que foi crua a valer nossa galinha.

Arre! que isto tem sido até mais não!...
E veremos se acaba a brincadeira
De pagar uma geração inteira
Os desperdícios d'outra geração!

Veremos que tal é o novo infante
Que ora avança risonho e maganão:
Prometer é bem fácil... — o *senão*,
E' ir depois com a promessa avante.

D. Angola esteve hoje para ir
A' consulta dum bruxo abalizado,
Mas embruxada é ela, e, doutro lado,
E' melhor ignorar... o que há de vir.

Quantos desfalquezinhos surgirão
Escondidos na caixa das surpresas?
Quantos desviozinhos nas despesas
E' aumentozinhos na contribuição?...

Não sei... — Só vendo te direi depois
O que será o Trinta-e-Três presente,
Mas tenho fé que há de vir mais contente
De que o neura e passado Trinta-e-Dois.

E adeus. Cá te desejo um rico aninho,
Que é o mesmo que eu desejo p'ra mim próprio:
Nosso Senhor da Salvação... assopre-o,
Que nós bem merecemos.

Migue-LINHO.

Sr. Marcial Jordão:
Cria que o meu coração
Que por bem sempre pulsou,
De entusiasmo palpita
Por sua crónica escrita
Na semana que passou.

Vossa mercê teve graça;
E uma graça de tal raça
Que a cronista encavacou!
E um nariz, há muito morto,
Nas trevas do nada absorto,
A' vida ressuscitou.

Mas, se consigo concordo
Há um ponto em que eu discordo
Que o senhor fôsse feliz:
E' na marcada insistência
Com que aprovaria a ausência
Do pobre e humano nariz.

Pois só lá pelo estrangeiro
Com muito ou pouco dinheiro
Pudera ser afinal:
Pois, quer de fralda ou de capa,
Passa quem quer à socapa:
Ninguém o vê, afinal!

Mas aqui, na nossa terra,
Em maré de paz ou guerra
Veja o costume infeliz
De na vida do vizinho,
Sem deixar um só cantinho,
Entrar alheio nariz!

O que tenho, o que não tenho,
O que eu gosto, o que eu desdenho,
Que me agrada ou causa horror
— Posso às vezes ignorá-lo,
Mas, enfim — vou apostá-lo! —
Que outros o sabem de cor!

Quem nasce em França é francês,
Na terra China é chinês,
No Brasil é brasileiro...
Mas, português de raiz,
E' só quem mete o nariz
No joguinho do parceiro.

Nariz — razão concludente
Do viver de muita gente
Para nosso horrível mal!
Só por lapso se afigura
Que não entre na factura
Dum emblema nacional.

Um português sem nariz?!
Senhor, que ideia infeliz
E desgraçada foi essa!
E' mais fácil trabalhinho,
Assentar-se sem rabinho
Ou pensar sem ter cabeça!...

Portuguesa sem nariz
Ideia mais infeliz
E duplamente mesquinha:
Aonde ir buscar olfacto
P'ra saber se é cão ou gato
A *fourrure* da vizinha?

E o político, coitado,
Sem o nariz bem fadado
Como houvera de singrar?
E conhecer sem ser burro
De que lado cheira a esturro
Para ao outro se passar?

Se quem tem nariz não beija
Perfeito como deseja,
Também nisso não vai male,
Benefício, em tudo vejo:
Pois se é certo perde o beijo,
Ganha de *facto* a moral!

FILÓSOFO.

Posta restante

Peraboa — Mande o soneto. E se quer regular a recepção da MARIA RITA, o caminho é curto: passe cá pela administração.

F. Sevlaçnog — Foi para o caixote. Felizmente não passou por nenhum sítio escuso em antes. Trabalhe e mande mais. Nós cá estamos.

Horácio Ferreira — A razão ainda não é uma razão de estado. Temo-los na pasta da colaboração aproveitável. Se soubesse o que por cá há.

Alvacarso — Você tem razão. Carros, caradas, camionettes, de razão. Mas a verdade é esta: enquanto não for arbitrado um prémio ao decifrador de maior número de «*Quem é*», essa espilha-

ção é do chefe da tipografia; e ele, é claro, o que mais lhe custa é estragar a chapa. De aí a razão de virem, às vezes, os nomes de *chapa*. Vamos providenciar.

Perjuro — Aquela sua pergunta referente a S. Mamede, tem hoje a devida resposta. A oferta foi recebida pelo contemplado; o que deixou de ser, foi agradecida, o que ainda se há de vir a dar. O desconhecimento do ofertante e a forma muito sua de oferecer, deram um resultado negativo. Em nome dele, porém, lhe apresentamos desde já muitos agradecimentos.

Julifer — A MARIA RITA é toda sua. Prosa ou verso, dê o que entender. O que pode ser, é demorada a publicação, mas vem.

Lérias — Veja a *Escola do Cadeta* e mande mais.



Para o mote

*Se não viu o Burriê
Agarre-se ao «Pirilau».*

recebemos as seguintes

GLOSAS:

Muito embora ande a pé
A nossa Beatriz Costa,
Nada diga desta amostra
Se não viu o Burriê;
Pois eu aconselho até
E mesmo sem ser marau,
Que têsso qual carapau,
— Embora seja vasculho,
Se êle bater no bandulho...
Agarra-se ao «Pirilau».

Adolfo Dias.

Foi tão grande o salsifré
que a Beatriz provocou,
você não presenciou
se não viu o Burriê.
Estava tudo de pé
qual dêles o mais mau
armados de varapau,
tive dela tanta pena
que disse: linda pequena
agarre-se ao «Pirilau».

Sesenem Miopla.

Quem tudo quer nada ganha;
Assim falava um zaré
Ao Sôr José d'Artimanha:
— *Se não viu o Burriê*
Chupado pela Beatriz
— Um bom palmo de nariz —
— Tôlo lhe pod'rei chamar,
Julgando-o um grande nau
Não quis piscar. P'ra provar
Agarre-se ao «Pirilau».

(Pôrto).

Lemos de Albergaria.

Trapalhona você é
Quando faz afirmação
Que já vira o «Mexilhão»
Se não viu o Burriê.
Mas se quer ir à *soirée*
De borla, que não é mau,
E gozar êsse sarau,
Vá falar ao Amarante...
Vá de-pressa, e num instante
Agarre-se ao «Pirilau».

(Gaia).

Sepol.

Não se zangue, por quem é!
Mas é bem sensaborão
Se não foi ao *Mexilhão*,
Se não viu o Burriê!
Eu ia dizer até
Que devia levar c'um pau!
Mas como não sou tão mau,
Em segrêdo aqui lhe digo:
Emende a mão, meu amigo,
Agarre-se ao «Pirilau»!

Tito.

E' um mono, um chimpanzé,
Grande camelo e jumento,
Um desgraçado avarento,
Se não viu o Burriê!
Faço nisto finca-pé
E ninguém me chame mau
Nem me dê com varapau
Por sentença tão agreste!
Mas tome emenda que preste,
Agarre-se ao «Pirilau»!

Narigudo.

Entre Bragança e Loulé,
Entre Loulé e Bragança,
Pene sempre sem parança
Se não viu o Burriê!
Pitéu melhor que café,
Que lagosta ou que cacau,
Incitava em alto grau
Os tripeiros mais bisonhos!
E quem queira novos sonhos
Agarre-se ao «Pirilau»!

Tripeiro.

Quem aproveita a maré
De fazer coisa com geito,
Merece sócos no peito
Se não viu o Burriê!
Jurarei por minha fé
De mestre de berimbau,
Que senti em alto grau
A vibração da palhieta!
Quem faz festa à nossa Greta
Agarre-se ao «Pirilau»!

Músico.

Cá vou dar ao lamiré
Avisando o povo amigo
De que vai sofrer castigo
Se não viu o Burriê!
Coisa incrível essa é!
De Leça a S. Nicolau
Não faltou um só marau
Ao picante «*Mexilhão*»!
Mas quem viva em contrição
Agarre-se ao «Pirilau»!

Asinus.

Já se sabe, eu sou da Sé!
Você, de Santo Ildesonso;
E portanto muito sonso
Se não viu o Burriê!
Quem lhe desse um pontapé!
Bem haja S. Nicolau
Onde não houve marau
Que faltasse à Beatriz!
Mas vá, se quer ser feliz,
Agarre-se ao «Pirilau»!

Zé da Sé.

Ouvi ontem o Tomé,
Com tremeliques na voz,
Dizer à prima da Foz:
— *Se não viu o Burriê,*
Não se zangue, por quem é,
E creia que não sou mau!
Porque posso (que marau!)
Dar-lhe uma ideia *atestada*
Para ficar consolada:
Agarre-se ao «Pirilau».

Tripeiro (de gema).

O homem de boa fé,
Nunca dirá que não gosta,
Do que faz Beatriz Costa,
Se não viu o Burriê!...
Eu julgo mesmo que até
Deverá levar com um pau,
Quem disser que aquilo é mau!...
Mas, se é de facto que o diz
P'ra brincar com Beatriz...
Agarre-se ao «Pirilau»!!...

Alfredo Cunha (Raza).

«Tem auto e anda a pé»
Veja lá se adivinha!...
De-certo que não atina
Se não viu o Burriê!
Tem feições de jacaré?!
Tem expressões de bisnau?!
Um corpinho menos mau
E é uma boa actriz!
Não decifra?!... E' infeliz!
Agarre-se ao «Pirilau».

Henrique Cardoso.

Porque diz você que é
A Beatriz, a primeira,
De tôdas a mais brejeira,
Se não viu o Burriê?!
Sem ver o «Quem é, quem é»
— Que não era nada mau —
Não pode qualquer bisnau
Apreciar a Beatriz!
Se não viu a boa actriz
Agarre-se ao «Pirilau».

Só Dar-o.

Tem feito grande banzé
Lá no Pôrto, a Beatriz.
Porém, se a sorte não quis,
Se não viu o Burriê,
Que grande revista é,
Como o destino é marau
Contente-se, êle é bem mau,
Em ver a que pode ver;
E não tem tempo a perder:
Agarre-se ao «Pirilau».

Lerius

Cada um é o que é
Não aquilo que quer ser,
E não sabe dar parecer
Se não viu o Burriê.
O leite não é café
Há Carvalho sem ser pau,
Os gatos fazem miau
O Zé está cheio de pena
Mas enquanto não volta à cena
Agarre-se ao «Pirilau».

Octávia Maria

◆◆◆

Em virtude do grande número de glosas,
segue o mesmo mote para esta semana.

◆◆◆

Aos poetas da MARIA RITA

Dentro de dois números, iniciaremos
um formidável concurso intitulado:

“AQUILO QUE NÓS SABEMOS”

com prémios, com graça e com engenho.

“AQUILO QUE NÓS SABEMOS”

só o desvendaremos no próximo número.

O MELHOR CAFÉ É O DA BRASILEIRA



Assim não vale. — Lá porque o pai deu uma coça não se segue que seja o filho a apanhá-la

PORTUGAL-HUNGRIA

No Domingo a coisa foi falada. Não se sabe bem porquê, mas foi. Também se não sabe ao certo quem foi dos nossos que meteu o *goal* da vitória, porque os jornalistas da *Bola* não foram todos da mesma opinião. O que se soube ao certo, foi que Portugal ganhou, com grande espanto dos *Hungros*, como dizia um *speaker* radiofonico, que vinham habituados a combater os nazis, *os poi-lus* e os *beefs*.

É claro que isto que em Lisboa lhes aconteceu foi peor do que aguarás que deitassem em certo sitio de um burro. Vieram para o Porto encolerizados, *embudapestisados* mesmo; e daí o deplorável resultado do

Pôrto-Budapeste

na última terça-feira, que envergonhou a MARIA RITA. Foi a primeira vez que a vimos chorar.

Foram quasi lágrimas *bulgares*, mas custaram muito a sair.

Não há bilhetes na casa

Foi o letreiro afixado às 15 e meia horas no Campo do Ameal. Realmente aquilo estava bonito. Tanto povo, que os nossos jogadores tiveram de entrar no campo cercados pela policia. Já o mesmo não sucedeu ao arbitro. Foi pena. E dizemos isto, chamando em nosso testemunho o António Martins, do Governo Civil, que no final do primeiro tempo, parecia a estátua de Cambrone! E não deixava de ter razão.

O jôgo

Começou com os seguintes jogadores. Na esquadra Budapestana: onze autênticos Húngaros de carregar pela culatra e com azas na cabeça e goma arábica nos pés.

Da esquadra portuense: outro húngaro, nove jogadores e um morto.

A mais do que isto, muita policia e um *Melcon* a servir de arbitro só duma banda, duma banda só.

Apito; e a bola começou a andar naquela roda viva que é de uso em casos tais, e tão depressa, que o Martins, o Petiz, e o Carlos Machado, se viam malucos para poderem tomar alguma coisa.

E tumba, e tau! E já estão dois no Sciska e só há dez minutos de jôgo!

Paíra no ar um cheiro acre a defunto...

De repente, há qualquer coisa que se anicha nas rêdes húngaras: era a bola. Eh! Rapazes! Parecia que os aviadores tinham chegado ao Brasil.

Mas não tardou a resposta: 3 a 1. Foi então que nós assistimos à coisa mais bonita que temos visto em *football*. Bravo, seus Pinga e Waldemar!... Aquilo é que foi uma sociedade por cotas de responsabilidade ilimitada. Se fôssem os húngaros que arrancassem um *goal* daquela forma, ainda de aqui a dez anos se falava nisso!

3 a 2. O público anima, e os budapestanos, deram ao diabo a lembrança de virem a Portugal! Pois se eles traziam as rêdes tão fechadinhas, e só aqui neste pequenino torrão é que lhas abriram de par em par! Daí a fúria. E daí a pouco o 5 e 2 para terminar a primeira parte.

Intervalo

O *Bento* virou ao sul, e o Sebastião do "Campo do Cirne" estava mais ralado do que o coão. O sr. António Martins, depois de desabafar ficou mais aliviado, e o Valério Correia já não sabia de que lado havia de pôr o chapéu. O do Cândido Mota, já estava côr de burro quando foge. O Paulo Meia, já não mexia nada, e o Júlio Silva da Ideal Rádio estava a fazer estilo ao microfone.

2.ª Parte

A mesma coisa que a primeira. Mais três pontos de um lado e outros dois do outro. Até os jogadores do nosso lado foram os mesmos, a-pesar-de haver suplentes vantajosos. Em Lisboa ganhou-se, porque o *goal* estava fechado a Roquette. Aqui, no Pôrto, já que nos falta dessa ferramenta, que se ponha lá o que vai havendo e não é mau de todo, graças a Deus. Afinal só jogou o Gil para disfarçar; e a MARIA RITA, acima de toda a sua simpatia pelo Club Campeão, pôe o sagrado interesse cidadão. Sim, meus senhores: a MARIA RITA, não costuma ter papas na língua, porque lhe custa muito ver perder tão inglôriamente.

Quatro pontos, bem sabemos, já fez uma boa cozedela para os visitantes; mas como nós vimos o jôgo, e avaliando pela tenacidade de ferro demons-

trada pelos *Halfs* e alguns dos dianteiros, temos a certeza de que no segundo tempo era obrigatória a substituição de dois elementos, tão necessários ao grupo, como a água e o fogo, à nossa vida. A chave do nosso *team*, estava a tremer na fechadura, e o centro do grupo andava à procura dêle mesmo, pelo campo. Andou toda a tarde mortinho por dar um pontapé. E só falamos nestes dois, porque foram os que mais deram nas vistas. Também será conveniente para que a MARIA RITA não deixe de o considerar, que o Avelino deixe de brincar com todos. A's vezes engana-se e dá o resultado que se viu.

E aqui está o que foi a segunda parte do formidável encontro. Foi a nossa mágoa a esvurmar-nos nos lábios e nem ao menos a válvula de descarregar simplesmente sobre o árbitro o motivo da nossa derrota. Ele para o fim até favoreceu.

Bem sabemos que os húngaros são formidáveis jogadores; mas se todos os nossos homens opusessem à sua técnica, o seu entusiasmo, a coisa tinha sido falada e eles talvez levassem que contar; pelo menos meia dúzia de tentos.

E agora, já podemos terminar porque fizemos como o Sr. A. Martins. Desabafamos.

Zé das BOTAS.

FÁBULA

com seus visos de o não ser

A ÁGUIA E O CORVO

*Era uma vez uma águia
Que lá do alto dos céus
Das nuvens por entre os véus
Um cordeirinho pescou.
Desceu rápida e nas garras
O cordeirinho levou.*

*Um corvo que viu tal cena
A águia quis imitar
E vendo em baixo a pastar
Um carneirinho, baixou
Porém na lâ do carneiro
O basbaque se enredou.*

*Os pastores que isto viram
Largaram todos a rir,
E o nosso corvo ao ouvir
A caçoada exclamou:
Era corvo e quis ser águia
Que pedaço d'asno sou.*

O artilheiro de 1836.

Procurem na grande
Livreria Editora de

A. FIGUEIRINHAS, Limitada

à rua das Oliveiras, 87, do Pôrto

tôdas as obras de

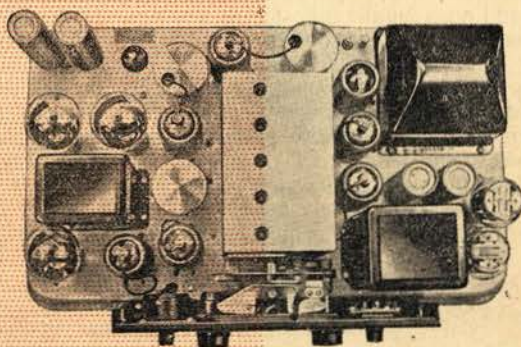
MARDEN

o grande filósofo criador da paz de espirito
e educador de vontades.

ATWATER KENT RADIO

VEJA ESTE CHASSIS

GRANDE TAMANHO
GRANDE POTENCIA
GRANDE PERFEIÇÃO



... O PODEROSO CORAÇÃO DE UM VERDADEIRO RECEPTOR!



Todos sabem que num receptor tudo depende do chassis, assim como num automóvel tudo depende do motor. "Olhe para dentro do móvel". Este alvitre, de aconselhar há muitos anos, é duplamente apreciável este ano, ante a série de receptores baratos apresentados à venda.

O receptor rádio-telefónico ATWATER KENT é construído para prestar um serviço satisfatório e prolongado e para obter uma clientela permanente. Cada ano é construído com a maior perfeição, não cortando despesas nem sacrificando jamais a sua superior qualidade. ATWATER KENT representa, portanto, a melhor aquisição que V. Ex.^a pode fazer em matéria de Rádio.



DISTRIBUIDORES GERAIS PARA O NORTE:

ELECTRÓNIA, L.^{DA}

Praça da Batalha, 119 — Telefone 5800

PORTO